

# Processos de subjetivação e intersubjetivação em usos do verbo calcular no português

**PALAVRAS-CHAVE:**

Funcionalismo • Mecanismos de GR • Verbo calcular

Letícia de Almeida  
Barbosa-Santos

**RESUMO:** Este artigo analisa os processos de subjetivação e intersubjetivação em usos do verbo calcular, a fim de evidenciar a sua trajetória de mudança. O verbo calcular, assim como admitir, pensar, supor e avaliar expressa processos mentais intimamente ligados à compreensão e à memória (HALLIDAY, 1985), assim como ao planejamento da comunicação, em alguns casos. Com base em Traugott e Dasher (2001), Neves (1996), Casseb-Galvão (1999; 2000), Gonçalves (2003) e Fortilli (2013), é possível perceber, juntamente com a parentetização do verbo calcular, o reforço da subjetividade e a saliência da intersubjetividade, com abstratização de significado. Para o levantamento e análise de dados, foram selecionados casos encontrados entre os séculos XX e XXI, no Corpus do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006). Neste sentido, serão apresentados os efeitos da atuação destes dois mecanismos que proporcionam alterações semânticas no verbo em análise.

## 1. INTRODUÇÃO

Diferentes tipos de verbos tornaram-se alvo de pesquisas em gramaticalização, dentre eles, os verbos de atividade mental considerados por Halliday (1985) como elementos que expressam processamentos mentais intimamente ligados à compreensão, à memória e ao planejamento da comunicação.

Dentro desse conjunto de construções matrizes e parentéticas nucleadas por *achar, pensar, supor, admitir e imaginar*, destaca-se, neste trabalho, construções com o predicado calcular, ora funcionando como predicado matriz, ora como um parêntese, com potencial de marcar significados ligados à expressão da subjetividade do falante.

O verbo cognitivo *calcular*, em seu uso inicial, significa determinar valor ou grandeza numérica por meio de cálculo matemático. No entanto, observa-se, em contextos inovadores, seu uso como partícula modal epistêmica, uma vez que deixa de funcionar como núcleo de predicado matriz e passa a caracterizar-se como parentético, fixando-se na primeira pessoa do singular. Nota-se, em (1), (2) e (3), três diferentes usos de *calculo*:

(1) Entra tudo que a União vender, alugar, emprestar, aplicar, até a receita das privatizações? Velloso – Tudo o que for chamado de ativo ou recebível entra nesta história. **Calculo** R\$ 140 bilhões. Só de privatização, a expectativa é de arrecadar R\$ 68 bilhões. 19Or:Br:Intrv:ISP

(2) Nós, no jornal, recebemos inúmeras cartas de professores com textos de opinião sobre estas matérias, **calculo** que o Ministério receba muitas mais...19Or:Pt:Intrv:Jrnl

(3) – Nunca tinha estado na Metrópole, doutor? – Não. Quando fui para a Europa, embarquei na Bahia. Agora é que voltei por aqui de propósito, para conhecer o Rio... – E tem gostado? Naturalmente que sim. Eu **calculo**. slideshare.net<sup>1</sup>

---

1. A oscilação nas referências de cada ocorrência é característica do Corpus do Português, uma vez que os dados foram coletados entre os séculos XX e XXI.

CUNHA, C. CINTRA, L. **Gramática do português contemporâneo**. 6.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013, p.531.

BARBOSA, L. A.; FORTILLI, S. C. Traços polissêmicos do verbo calcular. **Entrepalavras, Fortaleza**, v. 8, p. 401-418, maio/ag. 2018.

BARBOSA-SANTOS, L. A. **O uso de verbos cognitivos em construções parentéticas epistêmicas: uma abordagem do ponto de vista da gramaticalização**. 2019. 110 p. (Dissertação de Mestrado) – Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2019.

Por meio da ocorrência em (1), pode-se observar que o verbo *calcular* apresenta-se como um predicador verbal de dois argumentos, sendo o primeiro argumento, o sujeito oculto, marcado pela desinência verbal -o, e o segundo (R\$ 140 bilhões) um objeto direto, como confere a gramática de Cunha e Cintra (2013, p. 531). Em (2), observa-se que *calcular*, ainda em condição V2, encaixa a oração completiva nominal em posição de objeto “*que o Ministério receba muito mais...*”, no entanto, percebe-se que, para além do sentido de quantificação lógica matemática, recupera-se, também, a marca de crença e opinião do falante, o que permite a leitura de dois processos mentais: a quantificação e a atitude do falante, conferindo, assim, ambiguidade semântica.

Barbosa e Fortilli (2018) e Barbosa-Santos (2019) afirmam que, a depender do contexto, diferentes nuances semânticas de *calcular* podem ser tonificadas, fato que permite a atuação do verbo no âmbito da quantificação e da atitude do falante. Por outro lado, quando em sentenças como a apresentada em (3), percebe-se que o verbo *calcular* deixa o complementizador *que*, e passa a funcionar como um parêntese, ou seja, uma ressalva que relativiza a verdade do conteúdo que está sendo afirmado: o fato de estar gostando de conhecer o Rio. Como partícula independente, *calculo* expressa, para além do uso subjetivo, sentidos mais intersubjetivos, uma vez que revela a preocupação do falante com a interpretação do ouvinte.

Assentando-se na perspectiva funcional-cognitivista, este trabalho tem como hipótese que, para além da metaforização, generalização de significados e habituação, outros dois processos de gramaticalização estão envolvidos na mudança do verbo *calcular*: a subjetivação e intersubjetivação, uma vez que tais mecanismos, juntamente com os demais, permitem a abstratização de significados e, conseqüentemente, um maior alcance contextual.

Para tanto, este trabalho organiza-se da seguinte forma: em um primeiro momento, são apresentados os aportes teóricos e metodológicos utilizados na análise; posteriormente, são apresentadas as discussões com as interpretações dos dados levantados e, por fim, são dadas as considerações finais.

## 2. APORTES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

HEINE, B.; CLAUDI, U.;  
HUNNEMEYER, F.  
**Grammaticalization:** A conceptual  
Framework. Chicago: The University  
of Chicago, 1991a.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E.  
Grammaticalization. Cambridge  
University Press, 1993.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite;  
LIMA-HERNANDES, Maria Célia &  
CASSEB-GALVÃO Vânia Cristina.  
**Introdução à gramaticalização:**  
princípios teóricos e aplicação. São  
Paulo: Parábola Editorial, 2007

BYBEE, J. L. **Língua, uso e cognição.**  
Tradução: Maria Angélica Furtado  
da Cunha; revisão técnica: Sebastião  
Carlos Leite Gonçalves. São Paulo:  
Cortez, 2016.

TRAUGOTT, E. From subjectification  
to intersubjectification. In: HICKEY,  
R. **Motives for Language Change.**  
Cambridge, UK: Cambridge  
University Press, 2003. p. 124-139.

Encontra-se, na literatura sobre gramaticalização, doravante GR, autores como Heine et al (1991) e Hopper; Traugott (1993) que consideram tal trajetória como um processo pelo qual itens lexicais tornam-se gramaticais, e itens gramaticais tornam-se ainda mais gramaticais com o passar do tempo.

Note-se que, por trás de toda e qualquer trajetória de mudança por GR, há atuação de diferentes mecanismos que permitem a abstratização de uma construção, na medida em que há perda de algumas propriedades sintáticas e semânticas e, conseqüentemente, a ampliação das possibilidades de uso na língua.

Considerando a atuação de mecanismos sintático-semânticos que impulsionam a mudança de significado, nota-se em Gonçalves et al (2007) que, associada aos processos de (des)semantização, a *metaforização* envolve a abstratização de significados, os quais, de domínios lexicais mais plenos, são metaforicamente estendidos para mapear conceitos mais gramaticais.

Outro mecanismo bastante recorrente no processo de mudança semântica é a *generalização de significados*, que proporciona, a um determinado item, aumento da frequência de uso, com maior alcance contextual, uma vez que o próprio processo de metaforização desencadeia a generalização semântica do item. Implicados a esse processo, encontra-se a *abstratização de significados*, pois, na medida em que o item passa a se generalizar, diferentes nuances semânticas mais fluidas são evidenciadas, fato que permite o seu uso em contextos menos concretos.

Consoante Bybee (2016), pelo fato de a mudança de significado ocorrer de forma gradual e os falantes serem capazes de formar diversas generalizações, em muitos casos, os significados mais específicos são retidos na medida em que ocorre o processo de mudança. Ainda segundo Bybee (2016, p. 273), “a retenção de um pouco do significado anterior em contextos específicos é um resultado natural da armazenagem de exemplares de construções e seus significados”.

A *subjetivação*, nos termos de Traugott (2003), pode ser compreendida como um processo semasiológico por meio do qual os usuários da língua, no curso do tempo, desenvolvem significados novos para formas já existentes, passando a codificar perspectivas e atitudes baseadas nas características do evento comunicativo e não do evento do mundo real.

TRAUGOTT, E. C. (Inter) subjectivity and intersubjectification: a reassessment. In: CUYCKENS, H.; DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L. (Ed.). **Subjectification, intersubjectification and grammaticalization**. Berlin: Walter de Gruyter, 2010. p.29-71.

THOMPSON, S. MULAC. A. A quantitative perspective on the grammaticalization of epistemic parentheticals in English. In: E. Traugott, B. Heine. (orgs.). **Approaches to grammaticalization**. Vol. 1. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991.

SCHNEIDER, S. **Reduced Parenthetical clauses as mitigators**. A corpus study of spoken French, Italian and Spanish. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2007.

Neste trabalho, considera-se o processo de subjetivação como mecanismo de mudança semântica que proporciona, ao predicado calcular, a expressão de crença e posicionamento do falante. Ainda segundo Traugott (2010), é necessário distinguir *subjetividade* e *intersubjetividade*, uma vez que a primeira expressa marcas de avaliação do falante, e a segunda expressa marcas da atenção do falante para com o ouvinte/destinatário. Segundo a autora, na ocorrência de *subjetivação*, os significados são recrutados e orientados a si mesmo, a fim de codificar crença e opinião, e, na ocorrência de *intersubjetivação*, uma vez subjetivados, os significados são centrados no ouvinte, ou seja, no modo como ele reagirá após a entrega da mensagem.

Thompson e Mulac (1991) analisam a parentetização de *I think* e *I guess* como resultante de GR de expressões encaixadoras, visto que, ao perderem o complementarizador *that (que)*, passam a se comportar como um acréscimo, um parêntese na oração, a fim de marcar a opinião do falante diante do que foi dito, como é notado no exemplo abaixo:

(i) It's just your point of view, you know what you like to do in your spare time, *I think*.

(É apenas o seu ponto de vista, você sabe o que gosta de fazer em seu tempo livre, eu acho.)

(cf. THOMPSON; MULAC, 1991)

De acordo com Thompson e Mulac (1991), ao utilizar a construção [sujeito+verbo] sem o complementarizador *que*, identifica-se maior liberdade sintática, visto que ela passa a funcionar de forma semelhante a outras expressões epistêmicas, como exemplo o elemento *maybe*, que, em muitos casos, aparece parentetizado.

Em relação ao processo de parentetização de predicados verbais, Scheider (2007) considera que os parentéticos de base verbal são caracterizados pelos seguintes traços: i. têm seu próprio contorno entoacional, comportando-se como uma pequena sentença; ii. não apresenta vínculo sintático com a oração; iii. mantém relação pragmática com a oração “hospedeira”; iv. causa interrupção prosódica na oração hospedeira e v. têm forte função interpessoal. Tais traços permitem considerar que o uso mais intersubjetivo de *calculo* passa pelo processo de parentetização, pois se fixa na primeira pessoa do singular e atinge maior liberdade sintática, não apresentando vínculo com a oração hospedeira.

Com base no objetivo de analisar a atuação dos mecanismos *subjetivação* e *intersubjetivação* em usos do verbo calcular, por meio de um levantamento de dados, foi possível observar, para além da frequência do uso como predicado matriz e a frequência do uso enquanto parentético, que outros processos podem ser mapeados na trajetória de mudança. Nesse sentido, esse trabalho assenta-se na hipótese de que tais mecanismos permitem a mudança semântica de *calculo*, na medida em que expressa um aumento de subjetividade com consequente abstratização.

Para o levantamento e análise dos dados, foram selecionados casos encontrados entre os séculos XX e XXI no *Corpus do Português disponível online* em: <https://www.corpusdoportugues.org/>. O banco de dados selecionado é composto por mais de 45 milhões de palavras apresentadas em milhares de enunciados de diferentes falantes do português. Esse *corpus* apresenta dados do século XIV ao XXI, disponibilizando ao usuário a comparação da frequência das palavras; a sua distribuição; os registros de fala oral, jornalística e outros.

Para a seleção dos dados, tomou-se como critério o funcionamento do predicado, podendo ser matriz e parentético, sem estabelecer distinções entre modalidade e gênero, visto que tais aspectos não parecem ser relevantes para a análise proposta. Considerando que o século XXI é composto por um vasto conjunto de dados, para o controle da coleta, selecionaram-se ocorrências dos dois funcionamentos até a vigésima primeira página dessa sincronia.

### 3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Considerando que *calculo*, enquanto predicado matriz, apresenta processos de subjetivação e, quando parentetizado, passa a apresentar processos de intersubjetivação, é possível observar que, na medida em que o verbo passa por dessentencialização, deixando o complementizador *que* e tornando-se um elemento extraoracional, alguns mecanismos sintático-semânticos, tais como descategorização e metaforização atuam, proporcionando ao verbo *calcular* a diluição de seu significado e de algumas propriedades categoriais. Consoante Traugott (2010), uma vez subjetivado, o item pode ser recrutado para codificar significados voltados ao interlocutor, passando a expressar a preocupação do falante em relação à interpretação do ouvinte.

Em (1), (2) e (3), é possível perceber que o verbo calcular recupera duas diferentes nuances semânticas: a quantificação e a opinião:

- (1) **Calculo** que todas estas questões e outras tantas que irão surgir no entretanto, sejam respondidas. (blog.prettyexquisite.com)

Por meio da ocorrência em (1), note-se que o verbo *calcular* referencia dois processos semânticos, pois não é possível afirmar se foi de fato realizado uma quantificação, ou se o falante apenas está revelando o seu posicionamento acerca do fato de que *todas as questões serão respondidas*. O mesmo ocorre em (2) e (3), pois, ao afirmar “*deva ser ai que tenho os ditos dos nódulos*” e “*o simpático Hugo do Holmes Place também deve estar contente*”, o falante permite uma interpretação ambígua do verbo *calcular*, uma vez que dois significados aparecem implicados.

- (2) Tenho a sensação de peso na bexiga, umas moinhas no fundo da barriga (**calculo** que deva ser ai que tenho os ditos dos nódulos, ando sempre na casa de banho para fazer xixi. (anossavida.pt )
- (3) **Calculo** que o simpático Hugo do Holmes Place também esteja contente. (amelhoramigadabarbie.com )

O verbo *calcular*, prototipicamente, revela acepções ligadas à lógica e quantificação matemática, no entanto, em usos como (1), (2) e (3), não se recupera apenas a quantificação como atividade mental, mas a modalização epistêmica, que permite a marca de posicionamento e subjetividade. A avaliação epistêmica, segundo Neves (2013, p. 172), “se situa em algum ponto do *continuum* que, a partir de um limite preciso, onde se encontra o (absolutamente) certo, se estende pelos indefinidos graus do possível”.

Observa-se que, ao atingir um significado mais subjetivo, o verbo *calcular* passa por um processo de generalização com conseqüente enfraquecimento das acepções semânticas de origem. Tal trajetória permite que ele não apenas ocorra no contexto em que expressa o significado fonte, mas em novas situações de comunicação, devido à ampliação do seu funcionamento. Nesse sentido, a partir da generalização, há a possibilidade de atuação no domínio conceptual de crença e subjetividade, como se vê nas ocorrências de (4) a (7):

- (4) Como está? espero que bem, cheia de trabalho! **Calculo**. (carlaafonso.com)



JUBRAN, C. C. A. S Parentetização.  
In: JUBRAN, C.C.A., KOCH, I. G. V.  
(Org.). **Gramática do Português  
Culto Falado no Brasil**. 1ed.  
Campinas, SP: Editora da Unicamp,  
v. I, p. 301-357, 2006.

Ao associar o processo de intersubjetivação ao uso parentetizado, hipotetiza-se o fato de o falante demonstrar sua preocupação em dizer: “não estou sendo taxativo”, na medida em que a sua afirmação pode ou não ser confirmada. Na ocorrência (4), o verbo calcular funciona como uma ressalva, isto é, uma informação extra que tem potencial de relativizar a verdade do conteúdo “*X está cheia de trabalho*”. De acordo com Jubran (2006), os parênteses funcionam como uma breve suspensão do tópico discursivo, que não constituem uma nova centração tópica, como pode ser visto em (4).

Considerando as classes de parênteses estabelecidas em Jubran (2006, p. 301), é possível notar que, quando *calculo* é utilizado como encaixador de oração completiva, ele denomina-se como parêntese com *foco no locutor*, pelo fato de sua atenção estar voltada para a expressão do seu grau de conhecimento acerca do que afirma, e, quando parentetizado, *calculo* caracteriza-se como *parêntese com foco no interlocutor*, uma vez que a preocupação do falante está voltada para a interpretação do ouvinte, sinalizando que a informação pode não ser confirmada.

Na ocorrência (5), note-se que *calculo* vem acrescido da marca de sujeito da primeira pessoa, o que revela ainda mais a subjetividade, uma vez que não mais aparece como sujeito oculto, marcado pela desinência do verbo calcular. A presença do pronome posterior ao verbo parentetizado, pode ser compreendida como reforço da subjetividade do falante: é a maneira de marcar a si mesmo como responsável pela informação, ainda que não tenha certeza de sua verdade.

Considerando Neves (2013, p. 172), “no extremo da certeza há um enunciador que avalia como verdadeiro o conteúdo de seu enunciado, apresentando-o como uma asseveração (afirmação ou negação), sem dar espaço para dúvida e sem relativização”, nesse sentido, percebe-se que, com intuito de não perder a credibilidade, ao apresentar o conteúdo proporcional, há a necessidade de inserção do posicionamento, a fim de esclarecer ao ouvinte a relatividade da informação veiculada. Quando o falante afirma “*e há outra coisa*”, ele modaliza tal afirmação, apresentando um parêntese, que marca a sua opinião, o que relativiza o conteúdo afirmado, deixando claro que o fato de existir outra coisa a ser comentada pode não ser comprovada.



- (5) Eu gostei muito do Marcello como pessoa. Ele é admirável, compreensivo, profundamente humano, inteligente, perspicaz e sensível. E há outra coisa, **calculo** eu: ele é o anti-herói. Ele nunca foi o herói. Eu também sou assim, um anti-herói. Nunca gostei dessa coisa. (19Or:Pt:Intrv:Jrnl)

Abaixo, segue outra ocorrência com o verbo cognitivo parentético *calcular* expressando a mesma nuance semântica: a da inferência. Segundo Traugott (2010, p. 35), o mecanismo de subjetivação permite que significados sejam recrutados para expressão de atitudes e crenças do falante. Tal processo pode ser verificado em ocorrências como em (6), em que o uso modal de *calculo* apresenta-se em posição final, evidenciando o potencial de focalizar o conteúdo “*a demonstração de desequilíbrio e tensão pelos pais prejudicam as crianças*”, a partir de nuances semânticas como inferir, presumir e conjecturar.

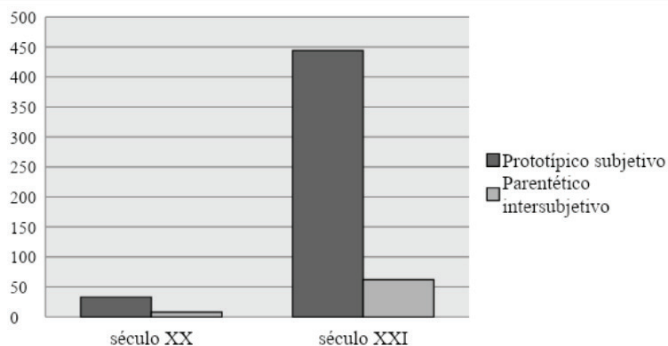
- (6) Os pais demonstram desequilíbrio emocional e uma tensão que prejudica as crianças no seu dia-a-dia (**calculo**). (amacadeeva.clix)

O uso observado em (7) demonstra o mesmo processo acima, pois *calculo* modaliza o conteúdo afirmado, fazendo recair o foco da leitura modal “*deve dar início a muitos e interessantes comentários*”. Em relação à posição das ocorrências encontradas, notou-se a predominância do uso parentetizado em posições mediais, como pode ser visto em (5) e (7).

- (7) Amigo e camarada, parte deste teu novo post foi por mim honestamente gamado e reproduzido no meu blog, com o devido link e créditos para aqui, para que os meus passantes possam deliciar-se com a tua primorosa análise que, **calculo**, deve dar início a muitos e interessantes comentários, uns envinagrados, outros ainda francamente concordantes. (aparagem18.blogspot.com )

O ganho de subjetividade e a ampliação dos domínios nos quais o verbo *calcular* passa a ser utilizado tendem a fazer aumentar sua frequência, tornando-o cada vez mais produtivo para uma dada função. Por meio do gráfico abaixo, é possível perceber o aumento da frequência de uso do verbo *calcular*, entre os séculos XX e XXI, no *corpus do português*:

Gráfico 1 - Frequência de usos subjetivos e intersubjetivos do verbo *calcular*



Fonte: a autora

De um total de 499 ocorrências com o uso prototípico de *calculo*, isto é, ainda enquanto predicador verbal de dupla argumentação, 477 apresentaram leitura epistêmica e apenas 22 não revelaram nuance de modalidade. Em relação à frequência por período, nota-se, a partir do gráfico acima, que das ocorrências com leitura epistêmica, 33 foram coletadas no século XX, e 444 no século XXI, o que confere um aumento significativo desses usos.

Acerca do uso parentético do verbo *calcular*, foram encontradas 70 ocorrências que apresentaram leitura epistêmica aliada a processos intersubjetivos, sendo 8 coletadas no século XX e 62 no século XXI.

Para Lima-Hernandes (2014), o indivíduo, ao codificar informações de alta carga de subjetivação, recorre a um jogo baseado na ordenação sintática: *direita e esquerda*, isto é, quanto mais à esquerda, mais próximo do espaço da subjetividade e quanto mais à direita, mais próximo do espaço da intersubjetividade. Com base na autora, segue o esquema de polarização gradual de subjetivação e intersubjetivação no campo da cognição do falante:

Subjetivação

Intersubjetivação

Para Fortilli (no prelo), a mobilidade sintática do verbo cognitivo na sentença mostra usos ora subjetivos, ora intersubjetivos, na medida em que demonstram, pragmaticamente, aspectos comunicativos distintos, o que pode ser interpretado por meio das ocorrências de (8) a (11):

- (8) Olá Patrícia. Bem vinda! Antes de mais, **calculo** que tenhas previsto uma consulta no ginecologista. (anossavida.pt )
- (9) **Calculo** que se mantenha atento ao que vai acontecendo pelo mundo. (resistir.info )

Nas ocorrências (8) e (9), é possível notar que o verbo calcular apresenta-se como predicado matriz, exercendo seu uso canônico de predicador verbal. Alinhado mais à esquerda, o uso de *calculo* permite uma leitura epistêmica, na medida em que se evidencia a incerteza do falante em relação ao que se afirma. Em (8), mais precisamente, o falante apresenta sua dúvida em relação ao fato de *Patrícia ter previsto uma consulta ao ginecologista*; o mesmo processo ocorre em (9), quando o falante revela sua incerteza acerca do ouvinte *estar mantendo atento ao que vai acontecendo pelo mundo*. Consoante a Fortilli (no prelo), por não se dispor de indícios suficientes para asseverar, o falante lança mão do predicado modal, a fim de esclarecer sua postura.

Ocorrências, como em (10) e (11), permitem, para além da acepção modal epistêmica, outra acepção direcionada ao ouvinte, indicando a preocupação do falante em como o interlocutor interpretará a sua afirmação. Em (10), o uso do verbo mais à direita da sentença permite, ao falante, relativizar a verdade do conteúdo “*afirmar que o neoliberalismo é mais complexo não constituirá um mau resumo*”, pois considera que o ouvinte possa discordar de tal afirmação.

- (10) Como filosofia o neoliberalismo é mais complexo do que isto, mas este não será um mau resumo, **calculo**. (ressabiator.wordpress.com )

A ocorrência (11) apresenta o mesmo processo, pois, à medida que o verbo calcular é utilizado mais à direita da sentença, são evidenciadas nuances intersubjetivas, que expressam a preocupação do falante em dizer: “*ouvinte, não pense que estou sendo taxativo em relação ao fato de que algumas exigências estarão previstas, pode ser que elas não estejam*”.

- (11) Não sabemos quais exigências existem e quais as exigências contratuais que terá que satisfazer. Algumas estarão previstas, **calculo**. (anortedealvalade.blogspot.com )

Considerando que o uso canônico e o uso parentético de *calculo* apresentam diferentes nuances de subjetividade, note-se a possibilidade de pensar, de acordo com Traugott (2010, p. 35), em uma trajetória de aumento de subjetividade. Para a autora, há um *continuum* capaz de representar processos subjetivos e intersubjetivos, na medida em que aumenta o grau de subjetividade do item:

non-/less subjective > subjective > intersubjective

A partir do *continuum* apresentado em Traugott (2010), é possível compreender o aumento de subjetividade no verbo *calcular*, o que pode ser constatado por meio de seus usos mais específicos, ou seja, não subjetivos; usos ambíguos, que permitem a leitura epistêmica, e usos intersubjetivos, associados à configuração parentética.

Tal processo evidencia que a ambiguidade semântica presente em usos de *calcular* não pressupõe o encerramento de um sentido para o início de outro, mas a sobreposição de significados que se tonificam em contextos diversos.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das ocorrências encontradas, pode-se notar processos de *subjetivação*, em contextos ambíguos, e *intersubjetivação*, quando o verbo é utilizado na forma parentetizada. De um sentido cognitivo mais pleno, relativo à codificação lógico matemática, o verbo *calcular*, quando em contextos ambíguos, passa a expressar subjetivação, e, como elemento extraoracional, passa a expressar processos de intersubjetivação, devido à abstratização de seu significado fonte.

Os processos de *subjetivação* e *intersubjetivação* também sugerem uma leitura em termos de aumento da gramaticalidade do verbo *calcular*, pois, para além da diluição do significado fonte, proporcionada por mecanismos como metaforização e generalização de significados, é possível observar a atuação da reanálise, na medida em que ocorre a perda do complementizador *que*, proporcionando um processo de dessentencialização. Desse modo, *calculo* passa a comportar-se como um advérbio modalizador epistêmico, devido às perdas de propriedades sintáticas, como as flexões de modo, tempo, número e pessoa, uma vez que se cristaliza no presente do indicativo e fixa-se na primeira pessoa do singular.

Tais usos evidenciam um processo de GR de modo mais amplo, uma vez que o verbo passa a apresentar um comportamento típico de advérbio epistêmico, devido a sua maior mobilidade sintática e sua cristalização na primeira pessoa do singular, fato que permite o funcionamento do predicado no campo da cognição e no campo da modalidade epistêmica.

**Letícia de Almeida Barbosa-Santos** (leticiaalmeidabarboza@gmail.com)  
Doutoranda em Estudos Linguísticos, na Universidade Estadual Paulista (UNESP/  
Ibilce)

---

**Como citar esse artigo**

BARBOSA-SANTOS, L. A. Processos de subjetivação e intersubjetivação em usos do verbo calcular no português. **Revista Gatilho**, UFJF, v. 18, p. 109-122. out. 2020.

---

***Subjectivation and intersubjectivation processes in uses of the verb calcular in portuguese***

*ABSTRACT: This paper analyzes the processes of subjectivation and intersubjectivation in uses of the verb calcular, in order to highlight its trajectory of change. The verb calcular, as well as admitir, pensar, supor and imaginar expressed mental processes closely linked to the comprehension and the memory (HALLIDAY, 1985), as well as to the planning of the communication. Based on Traugott and Dasher (2001), Neves (1996), Casseb-Galvão (1999; 2000), Gonçalves (2003) and Fortilli (2013), it's possible to perceive, along with the parenting of the verb calculus, and the salience of intersubjectivity, with an abstraction of meaning. For the collection and analysis of data, we selected cases found between the 20th and 21th centuries in the Corpus do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006). In this way, we'll present the effects of the actuation of these two mechanisms that provide semantic changes in the verb under analysis.*

*KEYWORDS: Functionalism. Mechanisms of grammaticalization. Calcular verb.*

## REFERÊNCIAS:

BARBOSA, L. A.; FORTILLI, S. C. Traços polissêmicos do verbo calcular. **Entrepalavras, Fortaleza**, v. 8, p. 401-418, maio/ag. 2018.

BARBOSA-SANTOS, L. A. **O uso de verbos cognitivos em construções parentéticas epistêmicas: uma abordagem do ponto de vista da gramaticalização**. 2019. 110 p. (Dissertação de Mestrado) – Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2019.

BYBEE, J. L. **Língua, uso e cognição**. Tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha; revisão técnica: Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

CUNHA, C. CINTRA, L. **Gramática do português contemporâneo**. 6.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013, p.531.

DAVIES, M. FERREIRA, M. **Corpus do Português: 45 milhões de palavras, 1300s-1900s**, 2006. Disponível online em <http://www.corpusdoportugues.org>.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia & CASSEB-GALVÃO Vânia Cristina. **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. **Grammaticalization: A conceptual Framework**. Chicago: The University of Chicago, 1991a.

HIMMELMANN, N. Lexicalization and grammaticalization: Opposite or orthogonal?. In: BISANG, W.; HILMMEMANN, N.; WIEMER, B. (Eds.). **What makes Grammaticalization? A look from its Fringes and its Components**. Berlin: Mouton de Gruyter. p.21-42.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge University Press, 1993.

JUBRAN, C. C. A. S Parentetização. In: JUBRAN, C.C.A., KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. 1ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, v. I, p. 301-357, 2006.

LIMA-HERNANDES, M. C. O espaço da intersubjetividade e a ordenação sintática: para uma abordagem cognitivo-funcional. **Revista Metalinguagens**. v. 1, p. 66-78, 2014.

NEVES, M. H. M. Texto e gramática. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013, p.172.

SCHNEIDER, S. **Reduced Parenthetical clauses as mitigators**. A corpus study of spoken French, Italian and Spanish. Amsterdam: John Benjamin Publishing Company, 2007.

THOMPSON, S. MULAC. A. A quantitative perspective on the grammaticalization of epistemic parentheticals in English. In: E. Traugott, B. Heine. (orgs.). **Approaches to grammaticalization**. Vol. 1. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991.

TRAUGOTT, E. From subjectification to intersubjectification. In: HICKEY, R. **Motives for Language Change**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2003. p. 124-139.

TRAUGOTT, E. C. (Inter)subjectivity and intersubjectification: a reassessment. In: CUYCKENS, H.; DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L. (Ed.). **Subjectification, intersubjectification and grammaticalization**. Berlin: Walter de Gruyter, 2010. p.29-71.